

# Brigas isoladas quebram traqüilidade da eleição

Francisco Stuckert

O clima de tranqüilidade da votação ontem à tarde em Taguatinga, Ceilândia e Gama foi quebrado por casos isolados de brigas envolvendo militantes. No Gama, o petista Antônio Amagenon deu um soco no rosto do tenente Tenósio quando a Polícia Militar reforçava a segurança do candidato Valmir Campelo (PTB), que tentava entrar no Centro de Ensino 9 para votar. O caso foi registrado na 14ª Delegacia de Polícia.

Outro tumulto foi registrado no Setor M Norte, onde militantes do PT chutaram a viatura da PM, e agrediram policiais, de acordo com o major Elias Rocha Oliveira. Ele contou que teve sua camisa rasgada e o tenente Robson levou uma mordida no braço do petista Adilson (a PM não sabia o nome completo). De acordo com Oliveira, Adilson não foi levado para a delegacia porque fugiu. A confusão, segundo disse, começou porque a PM pediu aos militantes do PT para dispersarem a boca de urna que estavam fazendo próximo à uma escola do setor.

No Centro Educacional 3 em Ceilândia, o fiscal do PT Júlio César de Farias reclamava da determinação do juiz daquela satélite para que a Polícia Militar tomasse a bandeira de um militante. Na Escola Classe 2, um eleitor foi levado pelos policiais militares para o juiz eleitoral porque estava tomando bebida alcoólica, o que é proibido no dia da eleição.

O movimento na maioria das escolas do Gama, Ceilândia e Taguatinga ontem à tarde foi pequeno porque os eleitores optaram por votar no período da manhã. De lenci-



O militante Agamenon foi preso depois de agredir um tenente

nho de Cristovam Buarque (PT) na cabeça, com as letras viradas para baixo, a mesária da 164ª seção, no Gama, já não tinha nada para fazer por volta de 16h00. Do lado de fora do Centro de Ensino 11, a mesária disse que apenas 40 eleitores daquela seção não haviam ido votar. "Aqui foi tranqüilo. Até estou do lado de fora", observou.

Às 17h00, quando se encerrou o horário de votação, quem chegou atrasado (os que estavam na fila receberam senhas) perdeu o direito de votar. "Ah moço, eu tenho que votar, pelo amor de Deus", pedia a um mesário insistente a eleitora Nilmar Pereira Alves, em frente ao portão da Escola Classe 2, às

17h01. "Deixa ela votar", gritavam um grupo de valmiristas do outro lado da rua. Apesar das alegações de que estava trabalhando e de que teve de levar sua mãe a um hospital, a moradora de Ceilândia não conseguiu entrar. Nilmar saiu irritada e xingando a reportagem do Jornal de Brasília que tentou entrevistá-la.

Outro que chegou atrasado foi o mecânico Vicente Paula das Chagas. Alegando que não teve tempo de ir à Escola Classe 2 antes das 17h05, porque teve de arrumar o carro quebrado de um cliente, Chagas chegou ao local com a cédula de identidade para votar, mas foi barrado no portão.